

PLAMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

Propriedade de I. DA SILVA GRAÇA, Limit.º

Dirétor: ACACIO DE PAIVA



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SEculo, 43—LISBOA

Pão fino



Zé Povão:

—Ora até que enfim ha pão fino para os outros comerem e eu lamber... nas vitrines!

PALESTRA AMENA

Diagnostico pelos olhos

Os senhores não de dizer que temos a obsessão do dr. Amilcar de Sousa. E' verdade: o teimosissimo naturista tem-nos suggestionado de tal modo que não nos sai do pensamento. Também não admira: todos os dias ele nos dá novidades de tal modo surpreendentes que outras preocupações que tivéssemos passaríamos para segundo plano.

A ultima é esta: pode-se, pelo simples exame dos olhos d'uma pessoa, diagnosticar a doença de que padece, sem que o enfermo faça a menor indicação.

Ora, devemos dizer que já ha muito andavamos desconfiados d'isso. Os poetas tanto disseram que pelos olhos liam na alma das suas amadas, que eles retratavam falsidade ou sinceridade, duvida, meiguice, etc., que não nos custou a admitir que por eles também se pudesse perceber o estado do corpo de cada um.

Já sabíamos que quando se dizia de alguém «lindos olhos tem o mocho» tal expressão era ironica e indicava que o dono ou dona dos olhos que apresentavam a terna serenidade dos do mocho a tinha pregado ou estava para a pregar.

«Olho de linco» queria dizer espezteza, viveza de animo e corpo expedito. «Ter lume no olho» igualmente indicava espezteza e estado fisico sem novidade de maior. O olho do pae Paulino foi sempre um indicador seguro da desconfiança. «Olho ingrato» é o olho de pessoa achacada de moleza ou de qualquer outro mal encaracteristico. Piscar o olho era, por acção comum, sinal de brejeirice e quiçá de doenças nervosas.

Emfim, depois de tantas indicações, a descoberta do illustre madurista não foi para nós de intefra surpresa, mas nem assim deixaremos de o louvar mais uma vez e de a aproveitar para nosso uso, já quando estivermos doentes, já quando examinarmos pessoa que o esteja—pois que a todos mais ou menos, é costume na nossa terra pedir conselhos medicos.

Imaginem que se trata d'um individuo que teve sempre o olhar direito e que de subito nos aparece vesgo; que enfermidade o atacou? Muito provavelmente a hidrofobia—ou talvez o unionismo.

Aquí temos um sujeito de olhar parado, vitreo, idiota: doença de coração; paixoneta por menina historica; noia, provavelmente.

Olhos fechados constantemente, não cedendo a pedidos, a berros, a ameaças: é evidente que estamos em presença de doente de sono.

Não nos dá o doutor o mapa aguarado de onde constem os varios aspectos dos olhos conforme as respetivas doenças, por isso só por palpite podemos acertar; assim, não sabemos se um doente de bexigas terá os olhos com pintinhas, se um pneumonico terá falta de ar nas meninas dos olhos, etc. E', porém, de supôr que o querido mestre não se esqueça de, em futuros escritos,

nos esclarecer completamente, para nosso governo e alheio, enquanto toda a humanidade não se sustenta a frutas, porque então, é claro, as doenças desaparecem e com elas as anormalidades visuaes, sendo de crer que nem haja zarolhos.

Isto no que diz respeito aos outros. Quanto a nós, quando nos sentirmos atacados não daremos a menor indicação ao medico: mostramos-lhe o olho e ele que adivinhe.

J. Neutral.

Semana seca

Aqueles marotos de *Sota y Az*; que todos os domingos delicias os leitores do *Seculo*, edição da noite, com um folhetim de laracha, já esgotaram o assunto da falta d'agua na sua revista *A' bica*. No emtanto ainda nos deixaram uma pontinha—em que pegamos e pa a a qual chamamos a atenção de um dos ditos humoristas, como autor da peça *Lisbia Amada*.

Como se sabe os primeiros quadros d'esta representam as ruas de Lisboa, em trajes apropriados, chovendo n'esses quadros os ditos e trocadilhos ácerca dos nomes das mesmas ruas.

Pois nós tivemos uma idéa, para ser aproveitada imediatamente na mesma peça, enquanto o caso está palpitante.

Sente-se chorar copiosamente nos bastidores.

O Falá só (compère)—Que choro é este?

O Imaginario—Talvez seja o *Chora*.

Entra uma personagem em lagrimas:

—Não é o *Chora*, não. Sou eu, que perdi a minha filha!

Todos—Coitada! e quem é a senhora? Vê-se que é uma rua...

A desconhecida—Sou; sou a rua da Mãe d'agua!

Se o *Sota* meter este episodio na peça, a re-peito da falta d'agua, a plateia ri tanto que até é capaz de as verter!

Até o Perú!

O Kaiser, assustado com a ultima declaração de guerra:



—Até o Perú! isto é que se chama estar com gali..ha!

TROCOS

Pedem-nos centos de pessoas, em vista das dificuldades dos trocos—somos sempre consultados nas aflições—que alivitemos alguma medida salvadora, das muitas que temos á mão.

Elas aí vão:
A moeda, como se sabe, não é mais do que a medida do valor, tanto podendo ser em metal, papel, etc., como constituída por um qualquer serviço, visto que nada ha no mundo que não tenha valor.

Posto este principio, imagine o leitor que ent'a n'um carro electrico, que dá dez centavos para pagar a passagem e que o condutor não tem troco em dinheiro. Bem: que o dê em serviço; por exemplo, engraxando as botas ao passageiro, escovando-lhe o fato...

Vai-se a uma loja onde haja caixei-ras bonitas. Compra-se qualquer coisa, dá-se uma nota e a caixeira, que te n de entregar as sobras da nota, não as encontra na gaveta. O remedio é facil: dá



o troco em beijos, cotados segundo a respetiva plastica.

Na loja não ha caixei-ras, mas sim machos. Não tendo troco o caixeiro póde, por exemplo, recitar um monologo, cantar um fadinho, dançar o sari-coté, etc.

N'uma loja de bebidas. O freguez entra, pede um calice de ginginha, dá uma nota e não ha troco: o freguez leva o calice para casa—e pronto.

Para terminar, uma anedota atribuida a Rossini, se não estamos em erro. Rossini, que era distraidissimo, costumava, quando andava na rua, cantarolar e marcar o compasso com a bengala, á maneira de batuta. Um dia, sem reparar, partiu um vidro domostrador de uma loja.

Vio o dono e exigiu doze vintens e meio (isto passou-se quando Rossini esteve em Lisboa) pelo vidro. Rossini só tinha cinco tostões. Deu-os e o dono do estabelecimento declarou que não tinha troco.

—Não faz mal, disse o *maestro*. E, quebrando outro vidro, continuou o seu caminho, assobiando.

Achado precioso

Diz um telegrama do Brazil que se descobriu n'uma excavação perto de Sant'Ana um esqueleto fossil de dimensões extraordinarias: só um dos dentes caninos tem de comprimento 1 metro e 30 centímetros.

Quanto a nós, o que nos admira não é o comprimento do dente, mas o tamanho que deviam ter os dentistas d'esse tempo para poderem extirpar uma monstruosidade d'aquelas!

Desgraças do exilio

Chegam-nos da provincia noticias deveras desoladoras do estado em que se encontra o sr. patriarca de Lisboa, Mendes Belo, condenado á horrivel penalidade de ir passar o verão fóra de Lisboa!

Os ultimos telegramas são de apertar o coração mais alexandrico-bracarense!

Leia-se.

Gouveia—O reverendissimo exilado passou o dia de hontem pessimamente, repimpado á sombra do arvored. Fez uma sésta escandalosa. Desde que aqui está pesa mais 5 quilogramas. É triste!

Gouveia—Os sofrimentos do sr. patriarca não se pôdem descrever. Não pôde beber senão vinho do Porto e Champagne. Os medicos proibiram-lhe terminantemente que comesse sardinhas e bacalhau; não ingere senão bifés, lei-



tão, foie-gras e salmão! Quanto a frutas qualquer melão o contenta. Doces, só de ovos. Que miseria de estomago!

Gouveia—Sua excelencia reverendissima já hoje pôde dar um pequeno passeio de trem; até agora só suportava o automovel. Dorme apenas dez horas seguidas. O calabouço onde as horrendas justicas da Republica o encerraram durante a noite tem apenas 300 metros cubicos, só tem o sobrado atapetado, reposteiros pesadissimos, janelas rasgadas para todos os pontos cardeais—nem ao menos pontos papais!—leito á Luiz XV e mobilia correspondente, que vendida a um ferro-velho não renderia mais de 5 contos de réis! A indignação em Gouveia é geral.

Gouveia—O estado do sr. patriarca piorou notavelmente. No banho já não gasta senão meio litro de agua de Colonia. Recusa-se insistentemente a receber qualquer alimento a não ser pela boca. Aumentou mais 8 quilos de peso. Esta manhã exigiu que lhe pendurasse-

EM FOCO



O banheiro

Feliz maroto que não perde ensejos
De comprimir a mão da minha amada
E enlaçar a cintura delicada
Que eu só posso enlaçar com meus desejos!

Ele o busto lhe dobra, para os beijos
Do mar, e se ela treme de assustada
Sente-lhe a branda carnação de fada
E o pavor aos seus olhos bemfazejos...

Como ele gosa essa gentil criança.
Com que doida volupia na flanela
A sua mão grosseira palpa e avança!

Tambem, passado o banho da donzela
Segue-se a minha esplendida vingança:
Tem de banhar a fufia da mãe d'ela.

Belmiro.

mos na parede do quarto o retrato do dr. Alexandre Braga e passa horas a contemplá-lo sorrindo e dizendo:—obrigado!

E' horripilante!

Esta agora!

O nosso querido naturista dr. Amilcar de Sousa, está abusando. Emquanto prégou amavelmente, sem ofender ninguém, secundámo-lo com o nosso pobre auxilio, ajudando a propaganda. Agora, porém, está saindo das marcas, e n'este terreno não o acompanharemos.

Imagine-se que um dia d'estes, declarou no seu periodico predileto, nem mais nem menos do que isto: «Em meio quilo de chá ha veneno bastante para matar 7 coelhos e 70 gatos.»

A revelação é gravissima e se a ela se limitassem as suas observações, nada teriamos a dizer, ou, antes, diriamos apenas a quem nos lê que, se tem em casa gato ou cão de estimação, não o trate a chá—como vulgarmente se usa e o doutor fez bem em reprovar.

Mas é que ha mais e é que o sabio diz que o Marques, o Ferrari, etc. são nem mais nem menos do que locais elegantes do vicio!» Depois, insulta as senhoras: «Ao vê-la tomar chá, atravez a porta de vidros..., ao contempla-la como exquistas côres da civilização, nos seus 20 anos ainda, eu penso no mal que faz, no vicio que instala em si.»

Em seguida, uma nota germanofila: «Já reparou a minha graciosa senhora nas inglezas? quando novas, um fres-

cor, um mimo! Em poucos anos o chá apergam nha-as, ensarda-as, estragallhes os nervos.»

E como a China tambem delarou guerra á Alemanha, larga esta piada ás chinezas: «No Oriente as chinas são feias, do vicio tecnico».

Do vicio tecnico! E' onde pode chegar a desfaçatez no insulto!

Por fim aconselha as senhoras a que, em vez do chá das 5, tomem salada de banana com rodinhas de limão.

Se calhar, preconisa tambem a decilitação ao madamismo!

Descobertas jornalisticas

Já todos sabem que os boches aproveitam novas materias asfixiantes, de terriveis efeitos.

A principio não se conhecia a sua composição, mas eis que um jornal lisboeta, da manhã, nos revela que o veneno se compõe de «sulfurio, zinco, cromio e oxido de mercurio».

Po-tem os alemães ser grandes inventores, mas ao pé d'este tradutor não passam de reles s'rrafaçoes. Esta piada do *sulfurio* é de achatar o proprio Aquiles Machado!

Bocage e os medicos

(Continuação)

XXXIV

Consta que um medico fóra Inventor da guilhotina.
Deu bem rapidez á morte!
Mostrou saber medicina.

XXXV

Um medico, resentido
De certo seu ofensor
Ante um amigo exclamava,
Todo abrazado em furor:

—Para punir este indigno,
Este vil, tomara um raio!
Acode o outro:—Ha um meio
Muito mais facil: curae-o.

XXXVI

Poz-se medico eminente
Em voz alta a receitar.
—Recipe, diz... de repente
Grita da cama o doente:
—Basta que mais é matar.

XXXVII

A

Que vem do chefe dos Mortos
Grita o doutor Maleitas,
E com mil papeis o prova.

B

—Com que papeis?

A

—Com receitas.

(Continúa).

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

10.^a PARTE A CONTAS COM O HOMEM DOS OLHOS TORTOS 1.^o EPISÓDIO
(CONTINUAÇÃO)



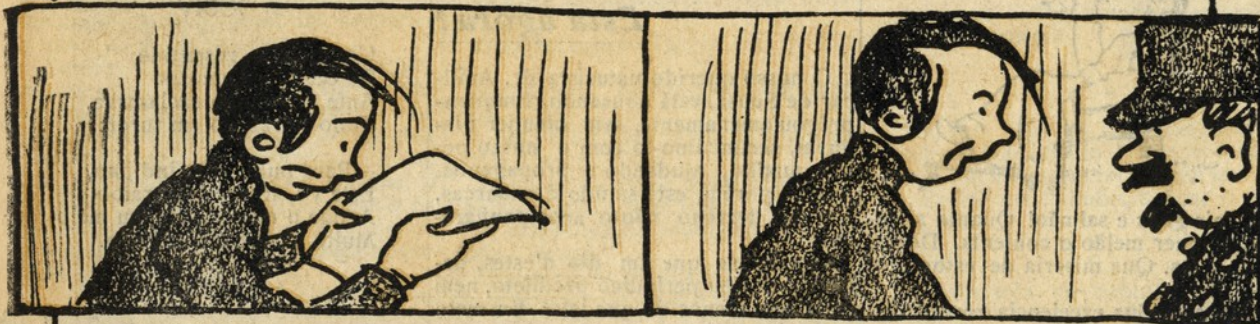
1.—Manecas vê as horas e pensa que se não se apressa Gil Goes será morto.

2.—Telefona ao *Homem dos Olhos Tortos*, oferecendo a vida em troca da do Gil Goes.



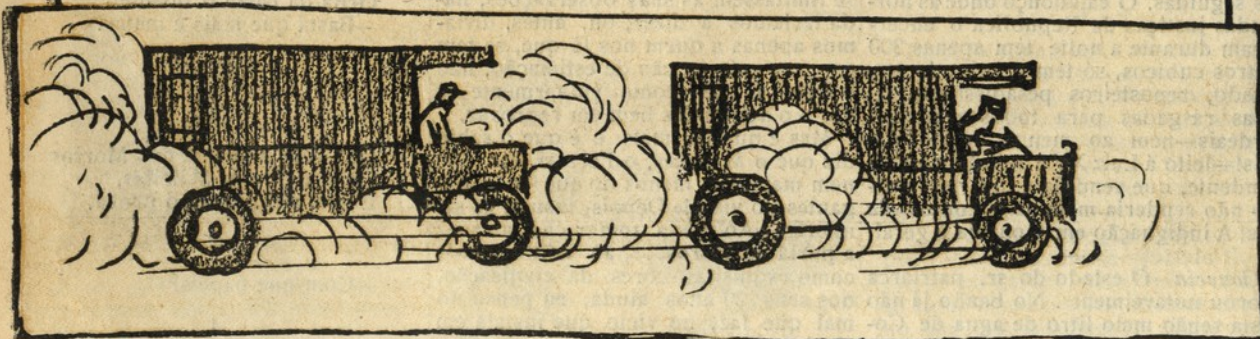
3.—O *Homem dos Olhos Tortos* aceita a oferta e espera o cumprimento da promessa.

4.—Manecas prepara as malas, com os necessários aprestos.



5.—Entretanto o Quim lê uma carta do mano Manecas...

6.—e, em vista da carta, dirige-se à policia. Não sabemos o que com ela combina



7.—que logo os camions policiaes saíram da *garage* e partiram a toda a velocidade em direção ao infinito.

(CONTINUA).